

CADERNOS DE RETORNO

Seção de resenhas de textos

Le bleu Lampião: os cangaceiros no movimento Anticarcerário francês

Diogo Justino¹

Os Cangaceiros. *Trece Mil Fugas*. Editora Diaclasa. Barcelona. 2015. pp. 131.

“Quando Dante escreveu 'O Inferno' não pediu adicionalmente que promulgassem reformas”

Serge Coutel

Essa não é uma resenha de um livro de ficção.

Um movimento intitulado “Os Cangaceiros” se fez presente na França dos anos 1980 e 1990 para denunciar e sabotar um programa de abertura de 13 mil vagas prisionais. A ideia do governo francês era construir os presídios e buscar uma gestão privada até 1990. De fato, a própria construção se deu em regime misto. Das 25 novas prisões (12.850 vagas), 21 tiveram construção e gestão privada, restando ao Estado a responsabilidade pela vigilância, ingresso e traslado.

Os cangaceiros franceses se dedicaram a obstaculizar o projeto com atos de sabotagem nas construções além de furto e difusão de documentos das empresas.

Dentre as ações de sabotagem estão mencionadas: a utilização de tratores das próprias obras para destruição do que havia sido construído, a colocação de açúcar no cimento para que não endureça bem, propagação de amoníaco nas sedes e escritórios das empresas responsáveis, incêndio de carros, caminhões e estabelecimentos, emboscada a um arquiteto, utilização de gás CS (lacrimogênio), além da obtenção de documentos das empresas de construção e vigilância. Algum tempo depois dos citados atos, o grupo enviou cartas às empresas e órgãos responsáveis, assinadas sempre como “Os Cangaceiros”.

¹ Mestre e Doutor em Teoria e Filosofia do Direito (UERJ). Pesquisador do Laboratório de críticas e alternativas à prisão (UFF).

Em uma delas, para a empresa de gás ASTRON lê-se: “*por uma desgraça, o gás CS que introduzimos em vossos locais é só uma pequena amostra do que se administra em uma dose maior a todo preso que se rebela*”. Outra das cartas foi enviada à empresa SCB-TP, responsável pela construção de um dos presídios. Após informar sobre o incêndio em parte da frota de veículos da empresa, os Cangaceiros deixam um recado:

“A partir do momento em que se pode ter bom lucro e fazer com que o negócio prospere, por que vocês se importariam em trabalhar na construção de uma prisão? Não era mais uma obra, matéria inerte? Estamos entre aqueles que se arriscam terminar um dia em algum desses lugares sem vida. Mas aos bastardos e estúpidos como vocês, dá no mesmo! Terão que informar à sua companhia de seguros que não foi um acidente senão um incêndio intencional.”

Os documentos do projeto foram publicados no dossiê “Treze mil fugas” em 1990 com 106 páginas e folhas A4 para facilitar a cópia. O dossiê era em grande parte composto por documentos das empresas construtoras com planos dos projetos de construção e descrição técnica dos mecanismos desde a vigilância até a construção de paredes e janelas e foram enviados às cidades onde estavam sendo construídos os presídios, de modo que chegassem às mãos dos futuros presos e pudesse auxiliar nas fugas. A curiosidade fez aumentar cada vez mais o número de cópias, pessoas questionavam às autoridades se os presos poderiam realmente fugir, a grande imprensa precisou noticiar e o governo rapidamente veio a público com mensagens de tranquilização. *Le Figaro* publicou artigo de uma página chamado “*fuga: instruções de uso*” e em todas as rebeliões seguintes a imprensa mencionava a existência dos dossiês.

O livro “*Trece mil fugas*” é um resumo do dossiê em tradução ao castellano, composto ainda de dois textos de membros do grupo. A edição original está em francês² e há edições em inglês³, alemão⁴ e italiano⁵.

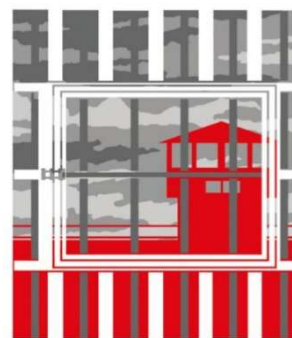
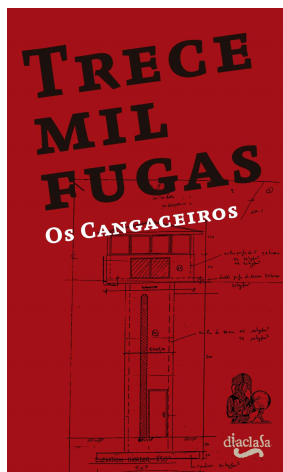
² *Treize mille belles*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/379745066/Os-Cangaceiros-Treize-Mille-Belles>.

³ *A Crime Called Freedom: Writings of Os Cangaceiros*. Disponível em: <https://archive.org/details/OsCangaceirosACrimeCalledFreedomWritingsOfOsCangaceirosVolumeOne/page/n105>.

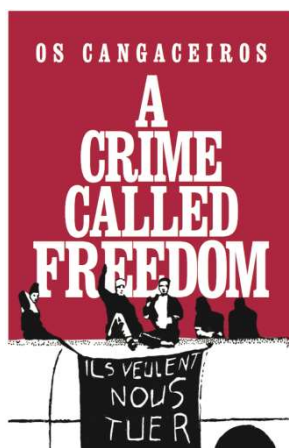
⁴ *Ein Verbrechen Namens Freiheit*. Disponível em: <https://anarchistischebibliothek.org/library/os-cangaceiros-ein-verbrechen-namens-freiheit>.

⁵ *Un Crimine chiamato libertà*. Disponível em: <https://roundrobin.info/wp-content/uploads/2018/02/Os-CangaceirosUn-crimine-chiamato-libert%C3%A0-.pdf>.

Todavia, a história dos cangaceiros franceses começa antes disso, em 1985 com a ideia de transmitir as reivindicações dos presos amotinados através da interrupção em grande escala do transporte ferroviário - uma tradição das lutas dos trabalhadores na França. Dessa forma, mostrava-se que a luta dos presos é uma luta como as outras, como uma greve ou um piquete. Mostrava-se também que sempre há algo mais em jogo do que os próprios direitos. Apesar de o Estado e a mídia os tomarem como terroristas, ainda assim tiveram que ouvir suas reivindicações.



Os Cangaceiros
**EIN VERBRECHEN
NAMENS FREIHEIT**



A década de 1980 na França foi marcada por rebeliões nas prisões e Os Cangaceiros realizam uma série de publicações⁶ anticárcere⁷, marcadas por influências anarquistas e situacionistas,

⁶ Neste link estão as três primeiras publicações: <http://archivesautonomies.org/spip.php?article313>.

⁷ O Artigo de Charbit e Ricordeau insere Os Cangaceiros no movimento abolicionista penal francês dos anos 1980. ver CHARBIT, Joel & RICORDEAU, Gwenola. *Syndiquer les prisonniers, abolir la prison*. Disponível em:

tendo também referências nas revoltas de maio de 1968⁸. Eles vão identificar um número crescente de presos não admitindo castigos e igualmente rechaçando as regras do jogo social do lado de fora:

“esta onda de revoltas está dirigida tanto contra as prisões como contra a justiça. Até agora os motins se dirigiam à instituição penitenciária; agora se dirigem contra a instituição judicial. Os presos se rebelavam contra a execução da pena, agora se rebelam contra o justicamento pela sociedade. Até agora os presos protestavam contra a forma com que eram tratados dentro dos muros, agora protestam também pela maneira com que são tratados pela sociedade cujo interesse geral está representado pela justiça; a revolta dos presos aparece como mais perigosa aos olhos dos partidários do Estado na medida em que ameaça fazer saltar todo o sistema de direito, que constitui a pedra angular do aparato estatal e a válvula de segurança da sociedade burguesa.”

Em 1986, por exemplo, Abdelkarim Khalki tentou libertar seus colegas Courtois e Thiollet durante um julgamento, fazendo de reféns os juízes, jurados e jornalistas durante 36 horas. Após negociações com o Ministro do interior, Khalki liberou os reféns com a promessa jamais cumprida de que poderia sair livre. Em greve de fome, Khalki recebeu como ajuda dos Cangaceiros a paralisação por mais de uma hora do metrô de Paris, após jogarem objetos e cortarem cabos de energia.

As reformas prisionais dos finais dos anos 1980 era uma resposta direta às revoltas daquela década, uma tentativa de freio à uma onda de oposição sem precedentes. E os Cangaceiros tinham clareza de que aquelas vagas poderiam estar sendo construídas para eles mesmos:

“durante o ano anterior havíamos sofrido um permanente assédio da polícia, que havia tratado de eliminar os Cangaceiros com a menor publicidade possível, forçando-nos a escapar constantemente. Não era nenhum exagero afirmar que essas cadeias também estavam sendo construídas para nós.”

Além disso, toda nova vaga aberta em presídio está destinada a receber novos inquilinos, “*enquanto mais cárceres se constroem, mais gente será encarcerada*” e não há pudor em supor uma futura superlotação. Nos documentos obtidos pelos Cangaceiros, encontra-se um pedido da administração de um redimensionamento dos equipamentos para lidar com possíveis

<https://journals.openedition.org/champpenal/9124#tocto2n1>.

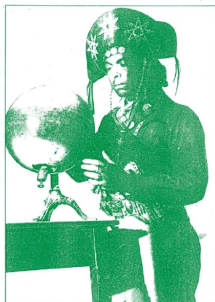
⁸ Por exemplo a publicação *La liberté est le crime qui contient tous les crimes*, que repete famoso slogan de maio de 1968. Disponível em: <http://archivesautonomies.org/spip.php?article479>.

superlotações. Os objetivos declarados (humanização, salubridade, desencarceramento) escondem e verdadeiro desejo:

“por muito tempo, a simples repressão foi o único recurso da autoridade para afrontar a revolta. Agora deve evitar a revolta desde a raiz, sufocando-a inclusive no pensamento. A responsabilidade por levar adiante a tarefa de obrigar aos indivíduos não ao simples respeito, senão a adotar as regras sociais, cabe cada vez mais nas medidas reformistas. A reforma é a continuação da repressão por outros meios.”

A aparição dos cangaceiros na França dos anos 1980 reaviva a memória das lutas sociais brasileiras. Tal qual os franceses, Lampião também protagonizou episódios de burla às autoridades. Certa vez foi contratado pelo Estado Brasileiro para perseguir Luiz Carlos Prestes e sua Coluna. Após receber dinheiro, armas e as bênçãos de Padre Cicero, voltou ao cangaço sem realizar o trabalho. A palavra *cangaceiro*, desde antes do movimento que teve em Lampião sua principal figura, já significava alguém com estilo de vida não adaptado. Uma expressão pejorativa para os diferentes, os excluídos da norma.

OS CANGACEIROS



N° 3



A memória é uma atividade hermenêutica que faz visível o invisível (ou invisibilizado), que traz à tona o esquecido. Acima de tudo, a memória atualiza as lutas, contrapõe dominadores e dominados de ontem e hoje, esquadriha suas heranças. Considerar que, como disse Walter Benjamin⁹, os que dominam hoje são herdeiros dos que antes dominaram é condição para o rompimento da própria lógica de dominação que produz novas barbáries condenadas a cair no

⁹ Tese sete “Sobre o conceito de história”. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas I. 1984. p. 225.

esquecimento. Não à toa os rebeldes franceses lembraram os cangaceiros brasileiros e hoje lembramos os cangaceiros franceses, deixando a porta aberta para que novos cangaceiros surjam nas rebeliões contemporâneas.

Para cada geração, seguimos com Benjamin, o passado dirige um apelo que não pode ser rejeitado impunemente: não basta lembrar os que se foram, é necessário realizar seus sonhos¹⁰ porque há um passado que ainda existe como potência, e pode vir a ser presente se redimido. Frente ao projeto das 13 mil vagas e frente a qualquer outro projeto de reforma prisional com construção de mais cárceres iremos sempre nos contrapor com a proposta dos Cangaceiros: 13 mil fugas.

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo exatamente como ele foi, mas apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo¹¹. Que a memória dos cangaceiros siga lampejando e relampejando mundo afora alimentando fugas e ideais de liberdades; encontrando as conexões passado-presente e realizando um mundo que não seja fruto das mesmas tradições, senão “*nem os mortos estarão a salvo*”.¹²

¹⁰ LOWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. 2005. p.53.

¹¹ Tese seis “Sobre o conceito de história”. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas I. 1984. p. 224-225.

¹² Tese seis “Sobre o conceito de história”. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas I. 1984. p. 224-225.